

TEXTO

Mulheres Paraenses Na Resistência À Ditadura Militar

A ditadura civil-militar no Brasil, que perdurou por 21 anos (1964–1985), foi marcada por autoritarismo, repressão, violações dos direitos humanos, censura à imprensa, restrição de direitos políticos e assassinatos de opositores. Nesse contexto, houve importantes atos de resistência.

As mulheres paraenses estiveram presentes nessa resistência. Algumas foram presas e torturadas; outras ofereceram suporte, enfrentando os desafios impostos pelo regime com seus corpos-territórios, afirmando que “estavam presente” nos confrontos.

Nos livros de História, raramente aparecem nomes de mulheres ligadas ao processo de resistência. No livro *“Luta, Substantivo Feminino: Mulheres torturadas, desaparecidas e mortas na resistência à ditadura”* (São Paulo, 2010), causa surpresa a quantidade de mulheres cujos perfis e depoimentos são registrados, relatando as sessões de tortura — muitas vezes de violência sexual — que enfrentaram, mantendo, ainda assim, seus ideais de luta pela democracia.

Na apresentação da obra, o então ministro da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, Paulo Vannuchi, afirmou:

“Se nos impuséssemos o exercício de mapear os dez nomes que mais aparecem nos livros de História, dificilmente aparecerá o de uma mulher entre eles. Com a honrosa exceção da princesa Isabel, que surge sistematicamente como 'libertadora' e nunca como 'governante', o Brasil parece ter tido sua história parida exclusivamente por homens. O relato oficial sobre a nossa trajetória como nação é estritamente masculino; nos retratos oficiais, nossos heróis têm, quase sempre, barba e bigode.”

Foi somente por meio do livro e do filme *“Ainda Estou Aqui”* (2024) — que narra o sequestro do engenheiro e ex-deputado Rubens Paiva, levado de sua casa por ordem do Exército para um interrogatório do qual nunca retornou — que se tornou conhecido o percurso de sua esposa, Eunice Paiva. Também presa, ao ser libertada, iniciou uma verdadeira cruzada em busca de respostas sobre o paradeiro do marido. Sua trajetória demonstra que as mulheres estiveram na linha de frente da resistência ao regime, a exemplo também de Zuzu Angel, que permaneceu firme na busca por seu filho desaparecido.

Essas mulheres reconheceram o enfrentamento imposto pela ditadura, mas não deixaram de denunciar os horrores vividos — conscientes de que, a qualquer momento, poderiam sofrer novamente as consequências de sua luta.

Entre as paraenses temos relatos de aspectos dessa resistência.